



## Redes cômicas: uma abordagem sobre como pesquisar o humor na internet e as reverberações subliminares em torno do meme

### Comic networks: an approach on how to research humor on the internet and the subliminal reverberations around the meme

Victor Hugo Nicacio Ferreira<sup>1</sup>  
João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-1374>; Universidade Federal de Alagoas, graduado em Ciências Sociais e com Mestrado em sociologia (PPGS), BRAZIL, E-mail: victorhugo2013nf@hotmail.com

<sup>2</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2744-0025>, Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Professor Associado IV da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisa na confluência entre a Sociologia Ambiental, Sociologia Econômica e Sociologia do Desenvolvimento (humano e sustentável). Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGCS/UFSM) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGS/UFAL). É Diretor Científico, de Tecnologia e Inovação da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

Recebido em: 29 de abril de 2020; Aceito em: 25 de maio de 2020; publicado em 10 de 07 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar o Meme como forma frequente de comunicação em rede, através de uma análise teórica, procura formular uma metodologia com auxílio de Norbert Elias e Giddens para traçar pistas de como abordar esse tema. Com isso, problematizamos as noções de consciência, redes de interdependência, história, relações de poder, figurações e as regras do jogo. Expandimos e lançamos mão de uma compreensão metodológica tanto interacional, visualizando os jogos que estamos inseridos, como uma perspectiva sobre os diferentes processos históricos, sociais que nos limitam, constroem, normatizam, naturalizam, e sublimam dentro da experiência humana. Aqui destacamos os efeitos do neoliberalismo para as relações humanas. Para tal empreitada construímos uma metodologia que possibilite a união entre uma perspectiva micro e macro/interacional e estrutural e seja a ponte para a compreensão da própria constituição das redes, portanto, sua substância. Sua relação com o humor, particularmente aqui os memes inseridos na figuração da *Web 2.0* compõem circuitos em diversas redes, que, por sua vez, sublimam a crise da democracia liberal e do sistema neoliberal num empoderamento por vias virtuais e através do meme.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Web 2.0*; Metodologia; Neoliberalismo

**ABSTRACT:** This article seeks to analyze the Meme as a frequent form of network communication, through a theoretical analysis, seeks to formulate a methodology with the help of Norbert Elias and Giddens to trace clues on how to approach this theme. With that, we problematize the notions of conscience, networks of interdependence, history, power relations, figurations and the rules of the game. We expand and use a methodological understanding that is both interactional, visualizing the games we are inserted in, as a perspective on the different historical, social processes that limit, constrain, standardize, naturalize, and sublimate within the human experience. Here we highlight the effects of neoliberalism on human relations. For this endeavor we built a methodology that allows the union between a micro and macro / interactional and structural perspective and is the bridge for understanding the constitution of networks, therefore, its substance. Its relationship with humor, particularly here the memes inserted in the figuration of *Web 2.0* compose circuits in several networks, which, in turn, sublimate the crisis of liberal democracy and the neoliberal system in an empowerment through virtual channels and through the meme.

**KEYWORDS:** *Web 2.0*; Methodology; Neoliberalism..

## INTRODUÇÃO

As tecnologias da informação e toda a revolução tecnológica inerente têm reorganizado os processos imbricados da cultura, da economia e da política, transformando o mundo em um cenário controlável aos olhos das elites dominantes. No macromundo é possível enxergar processos de integração global das finanças e mercados e suas correspondentes alterações na superfície e na profundidade dos jogos de poder que sustentam todo o resto. As ações políticas continuadas encontram margens, subespaços e caminhos para as disputas diretas e latentes. O fenômeno comunicacional e informacional do Meme ilustra uma linguagem e um tipo de disputa política nessas margens e subespaços que desaguam seus efeitos sobre novas dinâmicas que compõe a ordem neoliberal.

Como entender o fenômeno meme<sup>1</sup> e sua relação com o neoliberalismo e a Web 2.0, frente à notória frequência que aparece não só nas redes sociais, mas na vida ordinária das pessoas, como compreender sua plena influência, assim como os dispositivos que aciona, tanto como ferramenta, como autocrítica, intenção desejante e forma de contato entre as pessoas? Para tantas perguntas cabe resgatar na sociologia de Norbert Elias (1980)<sup>2</sup>, tanto processual como interacional, pois só com a percepção ampliada desse fenômeno podemos destrinchar os elementos que os constituem e aperfeiçoar nossa percepção sociológica sobre um tema, ainda, pouco explorado na pesquisa sociológica.

Primeiro procuramos entender como o meme se situa na sociedade contemporânea e que campos atinge na realidade social, depois destrinchamos os elementos que tornam o meme possível, como as estruturas modernas de comunicação e as figurações que as compõem. A partir daí conseguimos pensar de modo mais processual as dinâmicas que animam, as relações de interdependência que se formam, e os tipos de jogos que constituem as interações em questão; no entanto não

---

<sup>1</sup> O termo Meme apareceu e se popularizou na obra do escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu no livro "The Selfish Gene" (O Gene Egoísta), que numa analogia com o gene, ou seja, um elemento biológico que se reproduz conforme ocorre cruzamentos genéticos, o Meme refere-se a uma unidade de informação cultural que por sua vez também se reproduz conforme modifica-se a sociedade, perpetuando de forma rápida, múltipla, e imitativa idéias, preceitos, conceitos, informações das mais variadas ordens. Esse termo gerou o campo do saber denominado Memética. Também o Meme possui origem grega, que significa imitação, o termo foi ressignificado com o advento da internet para todo enunciado em formato de vídeo, foto, imagem, com conotação humorística frase que viralize, ou seja, torne-se difundido rapidamente e alcance grande popularidade.

<sup>2</sup> Ver em Norbert Elias, Introdução à sociologia. Edições 70, 1980.

conseguiremos e nem ambicionamos abarcar todos os elementos, processos e compartimentos da vida social que se associam ao meme.

Nos detemos na noção de rede, porque rede pressupõe conexões similares, mas que possuem “nós” que não funcionam como centros de controle, mas como centro de distribuição de relações de interdependências, como observa Manuel Castells (2001)<sup>3</sup>. A partir do surgimento da era da informação e a capacidade do mundo de reconfigurar-se em rede – através da introdução de novas tecnologias da informação, assim como ampliação do mercado financeiro funcionando de forma global e interligada, redes de elaboração identitária, redes comerciais –, redes relacionadas a todo tipo de troca de mercadorias lícitas e ilícitas, redes de distribuição de significados que possibilitaram a elaboração de diversas formas de movimentos sociais transformaram as relações e jogos em que as pessoas estão inseridas, assim como sua própria percepção dos jogos com que estão interagindo.

Com isto, conceitualizamos também em Castells (2018)<sup>4</sup> como a crise de representatividade na democracia liberal e o surgimento da *Web 2.0* são um fator-chave para a compreensão do meme como importante movimento de uma busca por autorrepresentação, ou mesmo uma forma de se fazer ouvir, frente a uma ruptura psicossocial entre o prometido pelo modelo democrático e a realidade que distancia cada vez mais os cidadãos ordinários dos espaços políticos de tomada de posição, imposta pela era da informação e tudo que advém disto.

Seguimos estabelecendo os cinco pilares para se entender uma configuração social: relações de poder; história; posições no campo; regras do jogo; e a teia de interdependências que estruturam a sociedade. Com isto podemos traçar algumas pistas metodológicas para a compreensão do meme. Por fim, encaramos a difícil tarefa de perceber a imensidão das experiências humanas, seu caráter mais ou menos consciente e em constante relação com figurações sociais, ou seja, com uma rede de jogos que as pessoas jogam conforme recursos distribuídos de maneira socialmente desiguais, e um formato social situado num determinado tempo e espaço físicos que por si só impõem condições objetivas e subjetivas que modelam a consciência, numa relação múltipla de

---

<sup>3</sup> Ver em Manuel Castells, *A galáxia da internet* Editora: Oxford University Press. OCLC: 59501035, 2001.

<sup>4</sup> Ver em Manuel Castells, *Ruptura: a crise da democracia liberal*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

forças que se relacionam e produzem outras condições, numa perspectiva dinâmica, porém repleta de interações rotinizadas.

Depois tentamos estabelecer as conexões entre a era da informação, *Web 2.0*, o fenômeno do meme com a crise da democracia liberal e o engajamento político: pois, através da *Web 2.0* e a força comunicacional do meme, funcionam como formas de sublimar o desamparo político e a ausência de poder de decisão das mãos das pessoas comuns. Essa desconfiança e o descrédito com a democracia liberal e a política em si, de forma geral, ganham forças e se renovam em determinados espaços virtuais. O meme é uma expressão dessa nova linguagem, em que tudo e quase tudo é permitido, dependendo de quem o manuseia, engajando as pessoas pelo humor nos mais variados temas e possibilidades de discussão, sem lhes negar espaço, muito menos expressão, contudo as limitando de maneira oculta por relações de poder e processos históricos, econômicos e psicossociais.

## REDES PELO MUNDO

Manuel Castells percebeu a emergência de uma nova forma de sociabilidade e economia surgindo no último quarto do século 20, e definiu três elementos que constituiriam essa nova forma de relações socioeconômicas. Primeiro momento observa-se que ela é informacional porque a produtividade, competitividade dessa nova economia, depende da forma como ela se organiza em gerar, aplicar e processar a informação baseada em conhecimento. Segundo momento, observa como essa nova maneira em que se baseiam os princípios básicos da produção, consumo e circulação de mercadorias se dá em escala global, já que as principais redes de conexão entre os agentes econômicos ocorrem em nível global e interconectada. O último elemento que configura essa nova era econômica com efeitos sociais é o modo de produção e concorrência em rede, já que é em rede que se dá a interação entre as redes empresariais e a formação do mercado financeiro.

A emergência de um novo paradigma tecnológico, ocasionado por três grandes avanços e a criação de nova tecnologia na informação – o desenvolvimento dos microchips; a criação dos microprocessadores; e a revolução das telecomunicações com a criação da internet e transferência de dados por cabos de fibra óptica capazes de

transmitir na velocidade da luz um conjunto imenso de dados – proporcionou que as bolsas do mundo inteiro funcionassem de modo global, como uma unidade, em transações financeiras de grandes quantias realizadas em segundos, assim como a comunicação instantânea.

A economia, portanto, passou a funcionar a partir de fluxos financeiros; para tanto, os mercados e os Estados-nação tiveram que se adaptar, perdendo com isto parte de suas soberanias nacionais para poderem competir internacionalmente pelo comércio e circulação de capitais e investimentos pelo globo. Primeiro, desregulamentando os mercados financeiros em seus países; segundo com a criação de uma infraestrutura tecnológica avançada para possibilitar o processamento de dados em alta velocidade dos modelos necessários para tratar das complexas transações; terceiro, a própria substância dos novos produtos financeiros, como os derivativos que incluem conexões entre moedas, ações, títulos, e *commodities* de vários países – gerando especulação sobre a própria especulação, podendo gerar bolhas econômicas e crises mundiais, como as que ocorreram em 2008, com a queda do mercado imobiliário nos EUA que geraram efeito cascata nos mercados e economias do mundo todo; com isto, chegamos ao quarto ponto, que são os movimentos especulativos dos mercados financeiros, em que ocorre uma movimentação constante de capitais em diferentes países, aproveitando o momento de cada setor em cada país; o quinto e último ponto são as firmas de avaliação dos mercados, que avaliam e classificam os países de acordo com o grau de segurança em investimentos que cada país possui.

A nova economia não foi produto da mudança tecnológica e da globalização, mas sim da interação entre mercados, governos e instituições financeiras como FMI<sup>5</sup>, G7<sup>6</sup>, OMC<sup>7</sup>, Banco Mundial<sup>8</sup>. Essas instituições promoveram nas décadas de 1980 até hoje um programa de desregulamentação das economias no mundo todo, amparadas no pacote econômico que possui efeitos socioculturais que é o neoliberalismo<sup>9</sup>, essa vertente

---

<sup>5</sup> Fundo monetário internacional, essa agência empresta dinheiro a países endividados, através de recursos dos países mais desenvolvidos economicamente e cobra através de políticas de austeridade econômica e programas de implantação do neoliberalismo.

<sup>6</sup> Grupo dos 7 países mais ricos do mundo, que na maioria das vezes foram os países que mais incentivaram para a criação de modelos neoliberais.

<sup>7</sup> Organização mundial do comércio, essa organização tenta construir formas de desregulamentação dos mercados financeiros e cria sanções para os países que tentam uma política proibicionista.

<sup>8</sup> O Banco mundial traça diretrizes para o avanço da desregulamentação dos mercados e procura fiscalizar os países que tentem restringir seu comércio, funciona também como gerador de empréstimos a países em desenvolvimento, similar ao FMI.

<sup>9</sup> Ver mais em: Michel Foucault, Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins fontes, 2008.

econômica desenvolvida academicamente, principalmente pela escola de Friburgo, e encabeçada politicamente pela primeira-ministra do Reino Unido Margaret Thatcher, entre 1979 e 1990, e Ronald Reagan, presidente dos EUA entre 1981 e 1989. Esse modelo econômico pretendia o fim da política de bem-estar social, assim como programas Keynesianos, plano Beveridge e políticas econômicas de planificação que garantiam investimentos públicos em grande escala para áreas de saúde, educação, infraestrutura, previdência social, direitos trabalhistas, cultura e afins, pois considerava em primeiro lugar o controle da inflação e um governo atuante na promoção da competição acima de qualquer outra atitude. O neoliberalismo proposto pela Escola de Friburgo – e lançadas suas bases teóricas e práticas no colóquio de Walter Lippmann, em agosto de 1938, através de autores como Von Hayek, Walter Eucken, Fraz Bohn dentro outros –, encabeçado mais tarde pelos neoliberais norte-americanos, franceses, ingleses e austríacos, assim como os atores políticos como Margareth Thatcher e Ronald Reagan dentre outros, obtiveram medidas em todo mundo, como: controle da inflação e modificações nas regras do jogo econômico para o fortalecimento da concorrência; a desregulamentação das atividades econômicas domesticas dos países; liberação do comércio e dos investimentos internacionais; privatização das empresas públicas; diminuição e flexibilização dos direitos trabalhistas e previdenciários; diminuição dos gastos públicos em todas as áreas; carga tributária mais leve em todas as classes, principalmente as classes da elite empresarial; e isolamento e diversas sanções aos países que fugissem desse modelo, além de uma totalização das instituições para atuarem como empresas. Ou seja, com capacidade de competir de modo racional e baseados em direitos e deveres delimitados num Estado de direito, esse modelo neoliberal varia conforme a história e os processos sociais dos diversos países e atores políticos, que se aplica de forma mais ou menos aprofundada.

O modelo neoliberal foi aceito por diversos países da União Europeia e imposto por ditaduras e democracias na América Latina, ao cabo que a maioria dos países aceitaram incorporar as diretrizes neoliberais com receio do isolamento, ou necessitando de ajuda financeira. As elites políticas de diferentes países aderiram, em sua maioria, a esse programa devido às vantagens que a globalização trouxe, como a possibilidade extraordinária de possíveis riquezas pela adesão ao neoliberalismo. Deste modo, pode-se afirmar que a economia global foi desenvolvida politicamente.

A globalização e a economia informacional construídas em consonância com o neoliberalismo possibilitaram o desenvolvimento da capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial na comunicação; porém, em paralelo estão privando as sociedades de direitos políticos e sociais. Castells observou que uma série de movimentos sociais surgiram em resistência à nova ordem global e a globalização. Movimentos que reivindicam uma identidade local frente ao global, mas que possuem diferentes conteúdos programáticos e variam aos dois extremos do aspecto político, desde a resistência contra o neoliberalismo e a globalização sufocante que retira direitos considerando ganhos a uma parcela já privilegiada da população em detrimento dos mais necessitados, como o movimento Zapatista<sup>10</sup>; também movimentos como as Milícias norte-americanas<sup>11</sup>, que resistem à própria ideia de um federalismo, e defendem a autonomia do indivíduo frente à união federalista – é um grupo que reúne diversas correntes da direita política, como supremacistas brancos, grupos anti-imigrantes, neonazistas, defensores do porte de arma, fundamentalistas religiosos cristãos, grupos antiaborto, são libertários na economia, mas contra a globalização e uma elite financeira cosmopolita. Grupos por vezes antagônicos expressam sua resistência de diferentes maneiras, utilizando também a internet e uma rede de contatos para realizar propaganda em favor de sua causa, tanto os Zapatistas como as Milícias norte-americanas utilizaram a internet e um mundo conectado em rede para difundir seus ideais, práticas e propaganda de seu grupo.

São muitos os efeitos da globalização e da era da informação na configuração de novas identidades, caracterizada pelo contato étnico, essa nova ordem mundial gera com a emergência do neoliberalismo uma série de processos identitários tanto de legitimação, como de contestação.

A oposição entre identidade construída, inventada e reinventada a partir de reações ao poder da rede é fundamental para perceber o fenômeno meme em toda sua extensão. Antes de adentrar nesse aspecto, é importante notar como a formação de um mundo de redes, os quais deixam de fora dos centros de poder e distribuição de poder os

---

<sup>10</sup> Movimento oriundo do México que eclodiu em 1994 com a tomada de 3 cidades mexicanas por índios em sua maioria, como por alguns intelectuais de esquerda, que defendiam e defendem o fim do imperialismo norte-americano e do neoliberalismo como única forma de organização global econômica e social.

<sup>11</sup> Movimento múltiplo que possui bases armadas em todo estado dos EUA e agrega fundamentalistas religiosos cristãos, supremacistas brancos, neonazistas, libertários na economia e o direito ao porte de armas, e contra imigrantes, entre suas reivindicações está a luta contra a nova ordem mundial e o federalismo norte-americano.

cidadãos comuns, é um dos fatores fundantes da crise de representação na sociedade atual, e como essa ausência de poder por parte dos representados cria reações, movimentos sociais e percepções da realidade reativos – como a xenofobia, racismo, e outros significados de oposição nós/eles, os estabelecidos e os *Outsiders* –, como também podem proporcionar uma ideia de globalização que vá além da luta nacional, ancorada em um projeto político que altere as estruturas que basearam esse estado de coisas, como o movimento feminista. Ou, ainda, oposição ao sistema econômico neoliberal, que proporciona crises econômicas sucessivas e possibilita com a emergência da crise um plano de aprofundamento da desigualdade econômica, que tem efeitos sociais e políticos.

A rede atrelada a uma receita neoliberal tem efeitos práticos de exclusão, aumento do desemprego, geração de crises e bolhas econômicas, destituição rápida dos poderes e perda de autonomia dos Estados-nações frente a suas políticas internas e capacidade de fiscalização e regulação frente ao mercado.

[...] o Estado-nação, construído durante a idade moderna, entra em crise por sua tensão interna entre ser nodo de redes globais, nas quais se decide o destino de seus povos, e representar seus cidadãos, que não se resignam a deixar suas raízes históricas, geográficas e culturais nem a perder o controle sobre o próprio trabalho. Cosmopolitas e locais vivem cada vez mais em diferentes dimensões da prática social. E na medida em que o Estado-nação, para fazer parte da rede, tem que transcender o EU, a representação dos humanos na construção política democrática baseada na comunidade definida pelo Estado-nação sofre uma profunda crise de legitimidade. Em tempos de calmaria, nos quais o mercado pode gerir a economia e as pessoas vivem e sonham sem sobressaltos, a ordem institucional subsiste por rotina. Mas quando a reprodução automática do sistema (por exemplo, financeiro ou de proteção social) se vê ameaçada por crises, o reflexo das pessoas é recorrer às instituições pagas e eleitas pelos cidadãos para que as defendam. E quando tais instituições não respondem ao compromisso de proteção da vida, questiona-se sua representatividade e denuncia-se seu funcionamento a serviço de interesses e valores de grupos com acesso exclusivo ao poder, incluindo a própria classe política como ator coletivo daquilo que se percebe como um gigantesco embuste. (CASTELLS, 2018, p. 94)

A crise de legitimidade da democracia liberal e do Estado-nação moderno possui diversas consequências possíveis, tanto da própria dissolução da democracia e capilarização de formas de organização alternativas e/ou autoritárias, como formas de descredito absoluto do Estado, e aparição de uma política e políticos que tentem se desvincular constantemente da imagem ou imaginação social da política tradicional, assim como movimentos sociais identitários que reproduzam uma razão instrumental de diferença entre nós e eles, privilegiados e minorias, estabelecidos e *Outsiders*, sempre

buscando a eliminação ou o controle de um grupo sobre outro. Numa possibilidade politicamente oposta, uma desvinculação entre democracia e liberalismo econômico podem ser concebidas, e já o é em diversos movimentos sociais, aliados a uma concepção de compartilhamento em rede, uma razão interativa, por assim dizer, que privilegie a distribuição de renda mais igualitária, um mundo mais sustentável ecologicamente, e que renuncie a velhos hábitos de consumo predatório, privilegiando políticas públicas que beneficie os mais pobres ao invés de pagar juros da dívida pública ou da dívida externa que beneficia a fração mais rica e poderosa da humanidade.

O caro leitor deve estar se perguntando: o que isso tem a ver com o meme? Aqui me debruço a um aspecto que vai na contramão da tendência atual de retirar do espaço de decisão política o cidadão comum, ou a tendência de excluir institucionalmente as pessoas que não dominam as redes cosmopolitas das elites financeiras, comerciais, do poder, da ciência e da tecnologia. As pessoas que sobrevivem em processos de exclusão constante encontram na *Web 2.0* e para fins desse trabalho o meme, em especial, uma importante válvula de escape, ou para ser mais preciso, mecanismo de empoderamento. Todavia, antes de nos debruçarmos sobre as hipóteses centrais, precisamos analisar metodologicamente os processos que constroem e nos levam ao meme e à *Web 2.0*.

## A REDE E O MEME

Como compreender as minúcias do pensamento, das disposições, das interações que movem os estoques de saber, reflexões e gramáticas morais para jogar o jogo comunicacional, próprio da vida social, que se desenvolve por meio do meme? Apesar de se situar como um modo de comunicação excepcionalmente recente, levando-se em conta o tempo histórico, o meme é um modo de comunicar intenso, viral e potencialmente particular, principalmente se observada toda a simbologia e capilaridade que possui na sociedade brasileira, assim como em boa parte do planeta.

As perguntas que considero ponto de partida para dar justificativa e mesmo orientação a este trabalho, além de destrinchar o que pode ser denominado como as características fundamentais do meme, são: afinal, do que é composto esse fenômeno? O que faz com que em quase todas as rodas e círculos de conversa, virtualmente ou numa

interação corporificada face a face, se faça presente, resistente, e constante esse tipo de comunicação?

O meme, primordialmente, é uma montagem de palavras, imagens e/ou vídeo, de forma que expresse uma mensagem cômica, e que de um modo ou de outro traduza uma lógica frente a uma incongruência, muito próprio do nonsense, grotesco, ironia, sarcasmo ou mesmo a demonstração da contradição do outro. Pode, inclusive, transfigurar-se numa autodepreciação. Ou seja, o humor em toda sua imensidão de formas, aparece e dá vida ao(s) enunciado(s) que constrói(em) o meme. Dessa maneira, o meme se enquadra em qualquer contexto e pode ser utilizado nos mais diferentes espaços virtuais, através do humor e a síntese de imagens, palavras e/ou vídeos.

Portanto, o meme é uma forma de expressar o humor, se entrelaça assim na vida social contemporânea, marcada pela incrível cumplicidade entre a realidade *on-line* e *off-line*. Uma relação que torna as fronteiras cada vez mais turvas entre essas dimensões. As referências mais estimulantes acerca do humor estão associadas, na maior parte dos casos, a algum meme ou conjunto de memes. Por exemplo, memes genéricos que se adaptam a quase todos os contextos, como o clássico vídeo: “Já acabou, Jessica?” ou o da “Barbie de direita ou de esquerda”, que servem a públicos distintos e estão sujeitos a uma série de adaptações para funcionar como dispositivos de deslegitimação de um determinado grupo ou mesmo do próprio agente comunicante, ou seja, do próprio ser que compartilha a mensagem.

No entanto, a assim chamada natureza do humor e sua notável plasticidade em ser funcional a diversas sociedades, e em processos históricos distintos, demonstra sua especificidade conforme o tempo em que se apresenta e os processos que constituem esse determinado tempo. Por exemplo, durante a história o humor já serviu para “o bobo da corte” dizer tudo aquilo que ninguém dizia para o soberano (nobre ou rei), representando assim uma revolta velada, que servia ao mesmo tempo ao soberano, como forma para expandir sua percepção, como para divertir e fornecer uma espécie de catarse aos processos de dominação da época (MINOIS, 2001)<sup>12</sup>.

Também temos o humor filosófico na Grécia antiga dos cétricos, que pensam que a experiência humana é uma peça ridícula realizada por loucos, e aos sensatos resta o riso frente à contemplação dos absurdos humanos; os cínicos entendem o riso como uma função corretiva para dissolver as normas sociais e reencontrar os verdadeiros valores; já

---

<sup>12</sup> Ver em Georges Minois. História do riso e do escárnio. 1ª Ed: Brochuras. 2001.

os pitagóricos e os estoicos percebem no riso uma blasfêmia diante de um universo divino; os platônicos e os aristotélicos buscam controlar o riso para fazer dele um agente moral (ridicularizando os vícios), assim como o procuram como dispositivo que gera conhecimento (despistando o erro pela ironia), também o consideram bem-vindo para fins recreativos, todavia o excluem da religião e da política, pois consideram essas duas áreas como fundamentais e o riso tende a desvalorizar ou desprestigiar tal conhecimento. Cada uma dessas posturas filosóficas refletia sobre a realidade e tomava perante o mundo uma postura e uma conduta que se utilizava do cômico ou mesmo refletia sobre ele como estratégia para lidar com o mundo (MINOIS, 2001).

Dessa maneira, o humor se apresenta de forma não estagnada, mas processual e sempre relacional, serve para diferentes fins, e bem regularmente relaciona-se a paixões, emoções e análises, ingenuamente atribuídas como racionais, obra da consciência, observando riscos para tentar maximizar ganhos. Todavia, na nossa sociedade informacional e globalizada, marcada por uma rede de interdependências mobilizadas segundo relações de poder (ELIAS, 1980)<sup>13</sup>, é como se jogássemos um jogo do qual sabemos a regra e dispomos de estratégias cada vez mais sofisticadas para vencer; no entanto, não temos ideia para que serve, e a quem serve esse jogo. Muito menos sabemos precisar quem começou o jogo, pois este não tem uma origem específica, nem seu lugar no tempo e espaço deve ser dado, pois todo processo social desnudo, claro, e de fácil contemplação e absorção perderia em legitimidade, apenas o jogo a que se atribui “naturalidade”, como se existisse desde sempre e não fosse uma construção social, é capaz de envolver coletivamente sem algum tipo de contestação que o desconstrua. Assim, uma naturalização do real exclui da percepção as variadas figurações em metamorfose que convergem para o estado atual do jogo, produzindo uma falsa sensação de estagnação, estruturação e consolidação, mesmo durante um processo profundo de mudança normativa e nova elaboração de significados na imaginação social.

Com o aparecimento da *Web 2.0* marcada pela produção de conteúdo pelos seus próprios consumidores, através dos diversos aplicativos de relacionamento, *blogs*, *youtubers*, *sites* e grandes plataformas de produção da informação em comum, como, por exemplo, o Wikipédia, os conteúdos humorísticos demonstraram grande influência na formação dos discursos, até mesmo na constituição de narrativas (FOUCAULT, 2008)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Ver em Norbert Elias, *Introdução à sociologia*. Edições 70, 1980.

<sup>14</sup> Ver mais em: Michel Foucault, *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins fontes, 2008.

através dos memes, aprofundando assim sua capacidade de penetração através de atribuição de significados numa relação com a alteridade, seja de forma de um reconhecimento negativo ou positivo sobre o outro. (HONNETH, 2003)<sup>15</sup>.

A utilização da *Web 2.0* não é apenas um processo pontual, descolado do conjunto de mudanças estruturais da vida das pessoas, mas afeta a forma como as pessoas se relacionam com a mídia em geral, e torna a formação identitária mais relacional e interativa. Isto não é uma prerrogativa de uma classe social no Brasil, contudo existem variadas formas de interação com a *Web 2.0*. Assim, uma abordagem mais estreita sobre os hábitos e padrões de consumo de memes, principalmente acerca de um tema como o humor, que exerce uma fundamental concretude na elaboração e desenvolvimento de identidades e sentidos culturais e sociais, alargaria o entendimento sobre a capacidade de influência e as transformações que isso engendra na vida cotidiana da população. Principalmente num período em que existe certa efervescência na elaboração, construção e transformação interpretativa de sentidos acerca do mundo, provocadas por uma sociedade mais fluida e complexa.

O meme, contudo, é uma relação social, que abarca uma série de relações de interdependências traçadas entre pessoas *on-line* e *off-line*, pois essas dimensões da vida hoje em dia não possuem divisões claras. Pode-se dizer inclusive que através de um processo de rememoração as duas dimensões estão produzindo uma razão interativa, em que a rede de *hiperlinks* e a própria essência da *Web 2.0* criam uma participação compulsiva que atravessa o *on-line* e *off-line*. A lembrança do meme movimentava conversas, afetos e posicionamentos dos mais diversos. Constituem narrativas ainda insipientes em sua constituição estrutural, mas que de forma ao mesmo tempo sutil e efetivas, são legitimadas no imaginário compartilhado pelas diversas comunidades *on-line* e *off-line* vivenciadas pelas pessoas que consomem um mesmo meme, ou um conjunto de distribuidores de memes em comum.

Usando as indicações metodológicas de Norbert Elias (1980, 1998, 1990)<sup>16</sup>, cinco procedimentos precisam ser mobilizados no começo da análise do meme para perceber ou minimamente lançar pistas sobre qualquer modo de configuração social: o primeiro é

---

<sup>15</sup> Ver mais em: Axel Honneth, Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

<sup>16</sup> Constituí-se dos livros, respectivamente: Norbert Elias, Introdução à sociologia. Edições 70, 1980. Norbert Elias, Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Norbert Elias, O processo civilizador: formação do estado e civilização, Volume II. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990).

apreender as relações de poder, ou seja, analisar como os diversos atores que compõem o cenário constitutivo do meme, interagindo através deste como modo de comunicação, demonstram e agem continuamente sobre relações de dominação, correlação de forças e poder.

A questão que se coloca em primeira análise é como a produção de um meme está destinado a um fim, apesar de não se desenvolver na direção desse fim, pois com o aparecimento da *Web 2.0* a internet torna-se plural, com essa pluralidade de consumidores constituírem os próprios produtores de conteúdo. De fato, as plataformas necessárias tanto para a produção como para o consumo de memes ocorrem em forma de redes sociais, produzidas com algoritmos intrinsecamente preocupados mais em viabilizar sua plataforma digital e facilitar maneiras lucrativas de jogar o jogo de uma economia de mercado do que qualquer outra coisa. Portanto, mesmo numa configuração aparentemente mais democrática, é hegemônico o interesse dos donos dos algoritmos que gera uma correlação de forças que distribui desigualmente recursos entre os atores. Por exemplo, o Facebook possui um algoritmo na sua constituição que facilita e direciona estatisticamente a promoção de alguns produtos conforme o interesse particular de cada um de seus consumidores, associando palavras-chaves em conversas aparentemente privadas, mas na realidade totalmente disponíveis aos oligopólios das redes sociais virtuais. Estamos falando aqui de um bilhão de pessoas, apenas no Facebook (MARTEL, 2015)<sup>17</sup>.

Outro exemplo interessante para perceber o poder de penetração de grandes interesses, e como essa distribuição de poder está baseada em relações de dominação, é o caso da empresa Cambridge Analytica<sup>18</sup>, que comprou dados de 87 milhões de usuários do Facebook, sem prévia autorização de seus membros. Com esses dados a empresa Cambridge Analytica criou um perfil dos eleitores norte-americanos, com precisão matemática, viabilizando assim a eleição de Donald Trump para presidente dos EUA. Através de notícias falsas, ou com ênfases distorcidas, em muitos casos em formatos de memes, manipulou medos e esperanças das pessoas, gerando de fato uma rede com características psicossociais favoráveis a seus interesses. A saída do Reino Unido da União Europeia foi outra campanha realizada por essa empresa, assim como tantas

---

<sup>17</sup> Ver em Frédéric Martel, *Smart: o que você não sabe sobre a internet*. 1ª ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

<sup>18</sup> Empresa Britânica criada em 2013, especializada em mineração de dados e análise de dados.

outras eleições pelo mundo<sup>19</sup>. Esses exemplos demonstram a fragilidade das democracias liberais e do Estado-nação frente ao poder e concentração de dados em alguns oligopólios da era informacional, assim como a nova figuração de consumo midiático próprio da *Web 2.0*.

Esses algoritmos limitam até que ponto a liberdade das escolhas? Ou em que medida os memes são direcionados para certas pessoas para atender a certos interesses de mercado e interesses políticos? Até onde vão os mecanismos, aparentemente imparciais, de distribuição de recursos para se navegar em determinada plataforma digital? São perguntas ainda sem uma resposta clara, e processos de dominação são verificáveis na manipulação afetiva de informações, entendendo por manipulação afetiva aqui como forma de direcionar sentimentos coletivos para um determinado objetivo. Um dos mais notáveis exemplos são as assim denominadas *fake news*, sejam elas para fins políticos ou mercadológicos. As *fake news* possuem uma estreita relação com os memes, pois ou são em si um meme ou reproduzem a mesma forma de comunicar: a montagem de imagens, vídeos e enunciados textuais, com o objetivo de passar uma mensagem, às vezes com tons cômicos, às vezes em tons de uma mensagem direta e isenta de uma dose humorística mais evidente. Essas mensagens se encontram no limite entre o meme e a notícia, confundindo-se em muitos momentos. Cada vez mais a notícia procura imitar o meme como forma de comunicar, isso se deve claramente a sua facilidade em dialogar com essa nova forma de sociabilidade virtual, cada vez mais apressada e montada por *hiperlinks*, como demonstra Frédéric Martel (2015).

Essa semelhança entre o meme e a notícia, por vezes em forma de *fake news* (notícias falsas), é ponto fundante na análise. Podemos dizer que atualmente, no Brasil, o meme é uma das principais fontes de informação nas redes sociais. Ele é adotado também por outros setores, como pela imprensa tradicional e grandes oligopólios midiáticos, mas, na internet, especialmente os aplicativos de relacionamento, o formato e os conteúdos dos memes-notícias não são produzidos majoritariamente pela mídia corporativa tradicional, detentora das grandes redes televisivas e jornais tradicionais, mas pela mídia alternativa e pelos próprios usuários. Portanto, são elaborados, compartilhados ou customizados por pessoas ordinárias, na forma bem típica da *Web 2.0*.

---

<sup>19</sup> Informações extraídas, principalmente, do documentário: Privacidade Hackeada. Disponível na plataforma streaming Netflix.

Grupos mais progressistas, que, no entanto, vivem com mais dificuldades monetárias de se firmar, estão encontrando na *Web 2.0* maior espaço para uma contraofensiva, criando variadas páginas, *blogs*, *sites*, e *youtubers* que utilizam a mesma forma de comunicação através do meme-notícia, e grupos de WhatsApp. Eventualmente também utilizando de *fake news* para se contrapor aos grupos mais conservadores. Como é próprio da *Web 2.0*, as pessoas comuns não são meros expectadores nessa polarização, ao contrário do que acontecia antes do surgimento desse tipo de comunicação (meme-notícia, ou meme-crítica), as pessoas se colocam enquanto militantes virtuais, dispensando grande parte de seus dias para o compartilhamento e difusão de sua opinião em formato de memes-notícias e memes-críticas.

Pode-se indagar também em que medida alguns agentes coletivos com maiores recursos tanto materiais quanto simbólicos, ou que concentrem mais capital social, ganham já na largada, no jogo dos memes. E com recursos mais vastos, oferecem munição comunicacional ampla para essa tensão. Portanto, aqui encontramos diversas relações de poder, ainda pouco exploradas na sociologia, sobre essa configuração específica, que tende a atravessar outras práticas. Contudo, mesmo os atores no ponto máximo de poder e capacidade de influenciar outros atores não tomam suas atitudes de modo totalmente racional, muito menos com capacidade absoluta de controle sobre os outros agentes. De fato, sempre há de existir uma margem de incerteza e incoerência, ou aparente incoerência no modo que a vida social se comporta, e previsões sociais tendem a falhar, ou mesmo serem baseadas em fantasias produzidas pela ansiedade, causadas por sua vez pela ausência de controle em toda profusão de informações, crenças, valores e necessidades práticas – o meme é campo fértil para esse tipo de prática, já que a ambiguidade do humor ajuda a ausência de evidências e fatos na formação de um discurso coerente e convincente, e a profusão de informações gera, em combinação a isto e à *Web 2.0*, a sua profusão mais clara: a pós-verdade.

A pós-verdade foi a palavra do ano eleita pela Oxford Dictionaries em 2016<sup>20</sup>. Seu significado definido por esta instituição da Universidade de Oxford é: um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças

---

<sup>20</sup> Ver na matéria de jornal Nexo, cujo endereço eletrônico é: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>

peçoais”. Acompanhamos essa definição, pois explica claramente a relação entre Web 2.0, memes, memes-notícias, *fake news* e uma noção de realidade mais validada pela crença do que por evidências objetivas.

O segundo ponto elencado por Elias é a história, ou seja, que processos foram formadores e contribuíram significativamente para o cenário atual de coisas. Assim, temos que considerar o que possibilitou o aparecimento e surgimento dos memes, e em que base se deram esses elementos. Buscar nas evidências de maior relevância histórica que fundamentam, evidenciam e ajudam a compreensão do aparecimento da internet, e como esta se deu na sociedade brasileira, e o eventual aparecimento dos memes, como o que faz movimentar os conteúdos dos memes na sociedade brasileira.

O sociólogo espanhol Manuel Castells nos ajuda a compreender a formação da internet nesse ponto. Para o surgimento de um sistema que permite a diferentes dispositivos digitais se integrarem numa rede de comunicação mundial, foi necessário o aperfeiçoamento da tecnologia de microchips, assim como do sistema de fibra ótica e por fim o desenvolvimento da tecnologia por satélites. Essas três tecnologias desenvolvidas em contextos diferentes possuíram no seu germe o financiamento estatal para fins militares, no contexto da guerra fria em que os EUA queriam afirmar sua hegemonia militar e tecnológica frente à URSS (União Soviética). Contudo, os atores que desenvolveram essa tecnologia vieram do ambiente acadêmico, de prestigiosas universidades americanas. Esses professores e estudantes de pós-graduação utilizaram do compartilhamento de informações entre seus pares, assim como entre outros atores, desafiando a estrutura militar de sigilo tecnológico. Através de códigos fonte abertos, diversos outros integrantes da rede de cientistas interagiram e criaram diversas tecnologias que facilitaram o surgimento e o aperfeiçoamento da internet como a conhecemos hoje.

O que Castells denomina de cultura *Hacker* seria um valor pela liberdade, frente a qualquer tipo de autoritarismo, seja estatal ou do mercado. Esse valor ainda está presente em diversas formas, há *Hackers* que divulgam informações sigilosas de seus governos poderosos, arriscando a própria vida e liberdade para o direito inalienável do cidadão ao direito à verdade. Ou grupos ativistas que organizam diversas formas de protesto e se rebelam contra o controle da internet e dos dados contra corporações e grandes empresários do setor tecnológico.

Todavia, não podemos, apenas, nos concentrar em torno da história da internet, pois esta representa somente o ambiente digital do meme. Vale salientar também em que local geográfico e tempo estou considerando o meme. Aqui colocamos o Brasil. Como percebemos, as pessoas em rede transcendem suas fronteiras espaciais, porém, nem tanto suas fronteiras linguísticas. Memes na maior parte das vezes não se restringem ao um município ou estado. Contudo, estão mais conectados a pessoas de uma mesma língua, geralmente nutrindo uma rede relacionada a um Estado-nação. Não se trata de uma regra absoluta, mas de uma tendência em que a maior parte de significados através dos memes se expressa.

A criminalização seletiva do Estado e da política também apresenta uma enxurrada de memes para a utilização em diversas redes, demonstrando assim opiniões, ideologias e uma tendência que também se observa em outras partes do mundo, também devido ao processo da formação de uma economia informacional e globalizada, em que os Estados-nação perdem sua capacidade de monopólio dos significados, assim como a capacidade de submeter a impostos os processos da criação de valor no modo de produção flexível, e a crise da democracia representativa liberal frente a uma era de pós-verdade, manipulação de dados e governos que preferem salvar grandes bancos e acionistas ao invés de investir em políticas de bem-estar social. As organizações transnacionais fogem o tempo todo do controle dos Estados por sua capacidade de agir num plano transnacional. (CASTELLS, 2000)<sup>21</sup>

Essa formatação que a dominação e a desigualdade assumiram no país possui influência profunda na formação dos significados normativos, culturais. A formação de um excedente de pessoas em estado de subcidadania no Brasil alongou essa percepção social de si e do outro, numa relação de disputa e competição intraclasses como de pertencentes a uma mesma classe; enquanto isso, buscou uma aproximação subjetiva ao ideal de uma percepção pertencente a uma elite econômica. E com isto perde muito de seus próprios dilemas, desejos e trajetórias. Daí uma adesão ao riso contra tudo que não se assemelhe a essa elite, ou mesmo que esteja distante da imagem de homem patriarcal heterossexual, branco e detentor de poder econômico e político, com claros indicadores de uma tendência a um regime que se assemelhe ao escravocrata, ou que busque explorar e controlar seu subordinado à exaustão. Se ri muito de quem se opõe a esse imaginário.

---

<sup>21</sup> Ver em Manuel Castells. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Contudo, diversas formas de resistência a esse ideal também ocorrem, mesmo com todas as formas de silenciamento possíveis. O movimento feminista, LGBTQI+, negro, indígena e movimentos trabalhistas e pela luta pelo direito à terra, etc., também constroem sua forma de rir, contrapõem o discurso hegemônico ao ponto de medir forças e alcançar significados a um imaginário alternativos.

O terceiro ponto são as regras do jogo, isto é, identificar quais comportamentos são considerados dentro da fachada (GOFFMAN, 1999)<sup>22</sup> esperada para aquela pessoa específica naquele momento específico. A ausência de um cenário definido no ambiente virtual não retira o fundamental para o surgimento de uma fachada, que é a expectativa dos outros sobre o ator; assim, sempre há de existir uma plateia atenta para cada ator, que mediante uma série de significados monitora e compara uns aos outros, estabelecendo uma norma, na maioria das vezes não dita, que exerce sua força ou gera uma expectativa sobre todos os atores.

Giddens (1989), em sua abordagem sobre os processos que determinam a ação, utiliza dois conceitos que lhe auxiliam na concepção de uma dualidade na estrutura social, em que coloca as pessoas nem totalmente determinada pelas estruturas objetivas, no caso, as instituições e as consequências dos processos de interiorização de normas, valores e estoque de significados, nem determinadas pelo cálculo racional, ou análise consciente sobre seus atos e uma atitude, exclusivamente dominada pela perspectiva utilitarista. Os conceitos de consciência prática e consciência discursiva nos ajudam a perceber a extensão e sofisticação da perspectiva de Giddens sobre a ambivalência das estruturas sociais. Por um lado, as instituições se baseiam no processo contínuo de rotinização de uma ação, que por sua vez se edifica por um processo anterior de dominação, significação e legitimação. Ou seja, primeiro vem um conjunto de significados que constroem os pressupostos para um processo de dominação e legitimação de determinada ordem social; esse processo gera uma legitimação que durante o fluxo da ação (*duré*) produz uma rotinização da conduta que a ritualiza, dia

---

<sup>22</sup> Ver em Erving Goffman. *A representação do Eu na vida Cotidiana*. 8<sup>o</sup> Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. Utilizo Goffman não como teórico fundante na abordagem, mas apenas como ferramenta, para utilizar algumas de suas categorias para ilustrar de maneira mais exata algumas representações da realidade e com isso elucidar as formas de controle que os atores tentam demonstrar, assim a metáfora do palco e da representação teatral nos serve para ilustrar tal fenômeno; no entanto, como já foi dito, não se aceita por completo a teoria goffmaniana, muito menos se aceita a inferência lógica de sua teoria baseada numa perspectiva de ator consciente de suas ações, de modo utilitarista ou teoria dos jogos. Pois a consciência apenas desempenha uma parte no jogo social, e a ação constitui-se dos processos históricos, assim como da dinâmica relacional das relações no presente. Isso possibilita um cenário mais complexo e ainda inconcebível como sugere Elias.

após dia, fortalecendo assim o controle sobre o corpo e a introjeção inconsciente de determinada ação.

Todo esse processo, à primeira vista, bastante mecânico, guarda seu outro lado, o outro lado da estrutura para Giddens. Esse outro lado é o monitoramento reflexivo da ação. Esse monitoramento guarda a escolha individual diária, e a escolha, mesmo que limitada, a um padrão de comportamento. A sua base é a reflexão constante, não para avaliar todos os porquês da organização social e sua ação, mas como mecanismo de defesa contra toda sorte de desvios da conduta esperada do ator. Cooptando Goffman em sua teoria, Giddens percebe a força da plateia para o ator, assim como percebemos a força das interações sociais e seu direcionamento para padronizações de comportamentos, ao sabor de diversos constrangimentos e sanções que o ator possa vir a sofrer se, simplesmente, não desempenhar seu papel com competência.

Nessa concepção, o que fornece força argumentativa para a teoria da dualidade da estrutura em Giddens e seu componente, que se casa com a ideia Elisiana das regras do jogo, é a dupla consciência à qual, para Giddens, todos nós estamos sujeitos. Pela consciência prática, que seria o modo de fazer, mesmo incapaz de explicá-lo, sabe-se com o corpo o motivo de determinadas condutas em determinados espaços e tempos, e se possui uma consciência prática para isto. Trata-se de uma ideia próxima da concepção bourdiesiana de senso prático, porém com uma argumentação de fundo diferente. Assim, a consciência prática sabe jogar o jogo, antes mesmo de saber explicá-lo, e tem vida própria independentemente da capacidade de uma justificação ou a codificação em palavras de sua ação. Já a consciência discursiva seria a legitimação, aquilo que nos permite pôr em palavras as coisas e nossas ações, envolve recordar e conseguir expor sua recordação de maneira coerente e possuindo uma lógica. Essa consciência fornece tradução, significado, valoração e constrói nossas idiosincrasias mais sutis.

As regras do jogo, assim, não necessariamente precisam de explicação para existirem. Na formatação da vida, apenas precisam estar legitimadas e imaginadas constantemente. Sob o olhar atento do público, nós, plateia e atores, ensaiamos e reproduzimos regras, naturalizamos e incorporamos sua formatação necessária para continuar. Também as transformamos, mesmo sob a consciência prática, antes mesmo de termos a capacidade de construirmos uma narrativa totalmente coerente sobre elas. Contudo, a consciência discursiva deve ter uma propagação também coletiva para

existir. Portanto, à medida que há mais reflexão e monitoramento desta reflexão sobre a ação, mais a consciência discursiva opera.

Outro ponto fundante para se entender a configuração é a posição na partida, ou seja, a partir da posição que se encontram os atores, individuais ou coletivos, podemos inferir, às vezes, os recursos que possuem e suas possibilidades de ação, assim como as relações com outros atores e como estão distribuídos na configuração, remontando, assim, suas relações de poder e as regras do jogo do qual dispõem.

O meme torna-se mais filtrado para determinados públicos, marcadores como identidade de gênero e orientação sexual exercem influência na diferença de conteúdo. Os memes em torno de figuras públicas ou acontecimentos no mundo do *pop* ganham mais relevância num padrão desviante de uma heteronormatividade, enquanto memes que endossam um conteúdo heteronormativo tendem a aparecer com maior frequência em círculos religiosos com tendências políticas conservadoras. Contudo, essa diferença é sutil, dependente das trajetórias de vida e principalmente círculos de amizade de cada ator social.

O último e quinto ponto é o principal diferencial em Elias em relação a outros autores. Para discorrer sobre sua perspectiva social temos que entender as figurações. A assim denominada teia de interdependências constitui uma chave interpretativa em Elias. Também lança pistas em nossa análise, pois tenta focar nas variadas relações das pessoas que estão constantemente em interação com outras pessoas, numa relação de interdependência. Desconstruindo a ideia de que a dominação se exerce de modo consciente e de cima para baixo, que denomina como relação egocêntrica. Muito diferente disso, Elias sugere uma dominação relacional, em que dependendo da teia de interdependências pela qual os atores estejam ligados a alguns processos históricos, ou à posição na partida, ou às regras do jogo, ou às relações de poder mais macrossocialmente situadas, ou, como na maioria dos casos, a todos esses elementos juntos, estabelece-se um peso maior ou menor à medida que esses elementos mobilizam a decisão mais ou menos consciente do ator em determinada ação.

Com isto, a *Web 2.0* é a grande figuração que norteia essa análise, mais que um efeito do tempo e da era da informação, a *Web 2.0* representa o meio por que os cidadãos comuns podem se expressar com mais autonomia, ou pelo menos com sensação maior de autonomia, conquanto seu acesso e conhecimento da internet permita. É um processo social, sua sociogênese passa desde a formação do estado moderno, a origem da internet,

os modos de representação e participação política, permitindo a reflexão sobre a ruptura no imaginário coletivo sobre a fragilidade das representações e da democracia liberal.

A distância dos nós de poder decisório sobre seu próprio presente e futuro, as pessoas em suas vidas cotidianas depararam-se com um incrível modo de performar partes do seu ser. Os aplicativos ou redes sociais virtuais das mais diversas empoderaram os atores que estão fora dos grandes palcos de poder, ou sublimaram em alguma medida a crise do estado moderno e da democracia liberal, por meio de um processo de participação voluntária, que tem se tornado cada vez mais compulsiva, de produção de conteúdo na internet.

Um desse conteúdo é o meme, mas porque o meme aqui é importante; primeiro, como já dissemos, o humor possui propriedades únicas que facilitam o modo como gerir a comunicação frente a tantos cruzamentos entre nossas próprias redes, o monitoramento reflexivo da ação fica suavizado com a relatividade, ambiguidade e brevidade próprias do humor. Além do processo singular atual da política, em seu mais abrangente significado, está se tornando cada vez mais a política do escândalo, em que notícias negativas valem mais do que as positivas, e por uma concorrência que se autorregula, o escândalo do outro é o meme de agora.

Nessa lógica o meme é funcional para cobrir o espaço deixado pela política representativa, já tão debilitada, e uma democracia liberal que perde sua justificativa e mecanismos de controle ao autoritarismo. Com a crise do estado moderno, e a crise da democracia liberal, provocado pelas sucessivas crises da economia neoliberal/ultraliberal, e redes cada vez mais globais de decisão, que excluem o cidadão comum em todo o mundo, uma ruptura na representação política ocorre, e uma sensação no imaginário coletivo de que a política em si é ineficaz como resolução de seus problemas imediatos já é rotineira. Essa sensação que produz consequências práticas no mundo todo, em diversos aspectos, também modifica nosso modo de construir/inventar identidades nas redes virtuais. Com a *Web 2.0* e uma das suas expressões, o meme, ocorre esse empoderamento, que por sua vez acarreta, de modo subliminar, tanto o empoderamento/engajamento político do cidadão comum através de memes-ataque e defesa e memes-notícia (*fake news*), como na sensação de uma participação mais ativa, próximas de algum modo do debate público, sublimando assim a ruptura entre a democracia e as decisões, cada vez mais independentes das pessoas comuns.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do Estado-nação e da democracia liberal funciona como uma espécie de expurgo do cidadão comum da política. Isso se traduz como uma ordem global pensada e articulada sobre monopólios e oligopólios que regulam o mercado financeiro e produzem uma distribuição entre os espaços de poder, restrita a uma fração da fração de classe, mas não apenas no setor dos mercados. Na área cultural, científica e política redes se articulam em elites ou “nós” que regulam todo centro de poder nessas áreas. O cidadão comum não encontra maneira de ser visto ou, o mais importante, não possui a sensação de controle sobre sua própria vida. Relações afetivas, profissionais, comerciais e políticas lhes escapa, como que pertencentes a outros indivíduos que regem sua vida num formato caótico, e as oportunidades de ser levado a sério são sufocadas nos centros de decisões.

O neoliberalismo e o modo de produção flexível retiram qualquer forma de controle do cidadão comum, principalmente da classe mais pauperizada, sobre seu próprio rendimento e possibilidades de estabilidade profissional; portanto, lhe retira a capacidade de planejar de modo mais eficiente até suas relações afetivas. Nisso ainda temos que considerar redes que se interpenetram e interdependem, num fluxo de significados que exigem cada vez mais um alto nível de monitoramento reflexivo nos diversos jogos cotidianos e situações que esses atores estão sendo desafiados.

A *Web 2.0*, com sua formatação de participação e produção de conteúdo, que cada vez mais produz efeitos de compulsividade entre as pessoas das mais variadas classes, gêneros, idades, etnias e identidades, resulta de uma retomada dessa série de perdas de controle e ausências na participação política, produzindo movimentos conservadores, reacionários, como revolucionários e progressistas, assim como os vários níveis entre essas categorias.

O meme como elemento da *Web 2.0* já traduz o efeito mais acabado e exato desse processo de sublimação, porque possui dupla funcionalidade; a primeira como modo de retomada desse poder político, através do meme-ataque, que procura atacar personalidades políticas, assim como movimentos e causas, ou como o meme-defesa, que pretende unir os significados em torno da defesa de um movimento, causa, ou personalidade política; ou mesmo através do meme-*fake news*, produtor da pós-verdade e que atravessa todas as formas de meme, fomentando certezas à revelia dos fatos e evidências que os contradizem. A segunda maneira por que o meme expressa essa

funcionalidade como modo de comunicação por excelência do início do século XXI, é a sua ligação intrínseca com a natureza mais íntima do humor, ou seja, a ambiguidade, polissemia, hermenêutica e brevidade de efeitos na percepção que o cômico resulta – isto é funcional devido ao formato em redes das relações humanas, onde redes de interdependências produzem um efeito que exige cada vez mais reflexividade para separar diversos espaços de interações. E o meme funciona como uma proteção contra atos falhos, incompetências gerais na performance e erros corriqueiros na representação dos atores sociais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERGER, Peter L. **O riso redentor**: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
2. BERGSON, Henry. **O riso**: Ensaio sobre a significação do cômico. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
3. BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
4. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
5. BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. **A doxa e a vida cotidiana**: uma entrevista. In Zizek, Slavoj. O mapa da ideologia. Rio de Janeiro. Contraponto, 1999.
6. CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Editora: Oxford University Press. OCLC: 59501035, 2001.
7. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
8. CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
9. CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: A crise da democracia liberal. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
10. ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Edições 70, 1980.
11. ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

12. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização, Volume II. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990)
13. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
14. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins fontes, 2008.
15. GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. 8º Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
16. GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social em ajuntamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
17. GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaio sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
18. GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
19. GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da Social Democracia. Rio de Janeiro, Record, 1999.
20. GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
21. GIDDENS, Anthony. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
22. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
23. GLAZER, N., MOYNIHAN, D. P. **Ethnicity, theory and experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
24. HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 3, n. 1, p. 7-39, Apr. 1997.
25. HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.
26. KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. ISBN 978-85-65848-97-8
27. JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

28. MARTEL, Frédéric. **Smart: o que você não sabe sobre a internet**. 1ª ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
29. MININNI, Giuseppe. **Psicologia Cultural da mídia**. Edições Sesc São Paulo/A Girafa Editora, 2008.
30. MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
31. WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard George Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

### REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

32. BAGGIO, Katia Gerab. **O poder da Atlas Network: Conexões ultraliberais nas Américas**. Site Voyager, 02 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://avoyager.net/politica/atlas-network-conexoes-ultraliberais-nas-americas/>> Acesso em 03 de maio, 2018.
33. CAMBAÚVA, Lenita & JUNIOR, Mauricio. **Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade**. Revista Psicologia: ciência e profissão, vol.25 no.4 Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400003)> Acesso em 05 de dezembro, 2019.
34. EURONEWS. **Facebook condenado a multa recorde por partilha de dados**. 13 de julho, 2019, Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2019/07/13/facebook-condenado-a-multa-recorde-por-partilha-de-dados>> Acesso em 10 de dezembro, 2019.
35. FÁBIO, André Cabette. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Jornal eletrônico Nexo, 16 de nov. de 2016 (atualizado 28/02/2018 às 13h25). Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em 29 de fevereiro, 2018.
36. **MUSEU DE MEMES**. Disponível em: <<https://www.museudememes.com.br/>> Acesso em 19 de novembro, 2019.

37. REIS, Julia e FANTINI, Marcos. **Como o MBL monopolizou as fábricas meméticas de direita no Brasil**. Site Vice, 21 Dezembro 2018. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/xwj374/como-o-mbl-monopolizou-as-fabricas-memeticas-de-direita-no-brasil?fbclid=IwAR0sWF7Khkf7-ptIy3fjBbY09Dqm5](https://www.vice.com/pt_br/article/xwj374/como-o-mbl-monopolizou-as-fabricas-memeticas-de-direita-no-brasil?fbclid=IwAR0sWF7Khkf7-ptIy3fjBbY09Dqm5)> Acesso em 23 de janeiro, 2019.